

## **O Karate como um etnoesporte: vestígios “indígenas” na prática**

*Karate as an Ethosport: “Indigenous” traces in  
practice*

*El karate como etnodeporte: huellas «Indígenas»  
em la práctica*

**Fabio Augusto Pucineli**

Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro)

[fabio.pucineli@unesp.br](mailto:fabio.pucineli@unesp.br)

**Tiago Oviedo Frosi**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/Campinas)

[t204119@dac.unicamp.br](mailto:t204119@dac.unicamp.br)

**Marcelo Alberto de Oliveira**

Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto)

[marcelo.alberto@usp.br](mailto:marcelo.alberto@usp.br)

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo pontuar diferenças entre as possibilidades modernas (que se manifestam pedagogizadas, como esporte e budô) e os vestígios de perspectivas “indígenas” do karate, o que poderíamos chamar de “etnkarate”, ou “karate uchinaanchu”. Para isso, utilizamos de pesquisa bibliográfica e documental, bem como das experiências de um dos autores por Okinawa, em suas visitas de estudo e prática. A pesquisa aponta para uma “re-existência” das formas autóctones de karate na ilha, que não foram simplesmente substituídas pela modernização e seus apelos, mas que seguem se afirmando nas diferenças de suas singularidades.

**Palavras-chave:** Artes marciais. Okinawa. Esporte.

**Abstract:** This research aims to point out differences between karate's modern possibilities (which manifest themselves as pedagogised sport and budō) and the vestiges of "indigenous" perspectives, what we might call "ethnkarate", or "uchinaanchu karate". To do this, we used bibliographical and documentary research, as well as the experiences of one of the authors in Okinawa, during his study and practice visits. The research points to a "re-existence" of indigenous forms of karate on the island, which have not simply been replaced by modernisation and its appeals, but which continue to assert themselves in the differences of their singularities.

**Keywords:** Martial arts. Okinawa. Sport.

**Resumén:** Esta investigación tiene como objetivo señalar diferencias entre posibilidades modernas (que se manifiestan como deporte pedagogizado y budō) y los vestigios de perspectivas "indígenas" de karate, lo que podríamos llamar "etnkarate", o "uchinaanchu karate". Para ello, nos servimos de la investigación bibliográfica y documental, así como de las experiencias de uno de los autores en Okinawa, durante sus visitas de estudio y práctica. La investigación apunta a una "reexistencia" de formas autóctonas de kárate en la isla, que no han sido simplemente sustituidas por la modernización y sus llamamientos, sino que siguen afirmándose en las diferencias de sus singularidades.

**Palabras clave:** Artes marciales. Okinawa. Deporte.

## Introdução

A história do karate é complexa e desafiadora. Além das escassas fontes sobre sua origem, não é possível pontuar com precisão o que existia em termos de práticas de combate no arquipélago de *Ryūkyū* antes do período correspondente ao Império Ming na história chinesa (1368-1644). É apropriado supor que o karate atual é o resultado de uma reinvenção das práticas corporais combativas locais usadas de forma pragmática por quase dez mil anos e mescladas com princípios e técnicas trazidas pelos militares chineses (*sapposhi*) entre os séculos XIII e XVII, com as viagens de vários mestres okinawanos à China no mesmo período e com a presença de 36 famílias chinesas assentadas nos *Ryūkyū*. Todo esse processo é rompido, depois, com a *niponização* crescente dessa prática a partir do século XVII (Frosi, 2011; McCarthy, 1995). Nesta esteira, é importante frisar que:

Como toda prática humana, tanto as artes marciais, o esporte, quanto a própria educação são processos históricos polissêmicos e contraditórios. Como processos, não estão prontos. São continuamente ressignificados e modificados conforme interesses e necessidades vigentes (Pucineli; Martins, 2014, p. 45).

Segundo Pucineli (2017), no karate praticado em Okinawa na contemporaneidade, encontram-se fortes indícios que ele adquiriu características e valores ocidentais, especialmente no que diz respeito à competitividade. No entanto, é possível, ao mesmo tempo, também sentir uma espécie de resistência ou até mesmo desprezo por certos aspectos modernos. Não é uma preocupação predominante se tornar mais forte, rápido ou resistente por meio de exercícios ginásticos, por exemplo, para fins esportivos. Isso existe entre os praticantes do chamado “karate esportivo”, enquanto muitas vezes é alvo de críticas ferrenhas por praticantes do autoproclamado karate tradicional. O karate *uchinanchu* parece nos levar a outras possibilidades.

Em muitos *dōjō* (local de treinamento) em Okinawa, a prática começa sem nenhum tipo de alongamento ou aquecimento, e há ainda menos exercícios específicos para condicionamento físico ou desempenho atlético. O local ainda parece ser um reduto que preserva a suposta sabedoria das

tradições do karate, o que atrai muitos visitantes estrangeiros. A ilha é frequentada constantemente por praticantes que buscam as “origens” e o que eles chamam de “verdadeiro” karate. Muitos mestres ainda ensinam em espaços anexos às suas casas, o que pode apontar para uma relação orgânica entre a arte marcial e a vida cotidiana (Pucineli, 2017).

De acordo com Pucineli e Martins (2023, p. 209), “existe uma pluralidade de possibilidades em praticar, ensinar e compreender o karate em Okinawa”. Desde a década de 1990, o turismo na ilha, com a sua inexorável necessidade de envolver e mostrar a diferença para chamar a atenção do desejo do consumidor, tem sido um fator substancial no surgimento de um sentido interno e externo das particularidades da província. Os números reais mostram que Okinawa está a chegar aos mercados turísticos globais, incluindo, claro, milhões de praticantes e fãs de karate (González de la Fuente, 2021).

Obviamente, as caracterizações populares e turísticas do arquipélago, enraizadas no *boom* de Okinawa, apoiam os planos nacionais e os interesses econômicos privados, comandados pelas inversões imobiliárias e pelo estereótipo de *resort* tropical indígena. Ainda assim, estes processos conduzem também a um movimento de sensibilização para a diferença cultural de Okinawa, estimulando à apreciação, e a ações políticas que estão a quebrar a reprodução de categorias anteriores de percepção e relações estruturais de poder (González de la Fuente, 2021).

Para González de la Fuente (2021), a atual construção da indústria do turismo de artes marciais em Okinawa estabelece as bases para um novo fluxo global no mercado, colocando o arquipélago como a terra emblemática do karate, “reterritorializando” esta herança okinawana e transmitindo a história e os critérios locais. As narrativas hegemônicas do karate divulgadas pelo Estado japonês e pelas organizações transnacionais podem tender a modular e atenuar a maior parte das mensagens regionais. Contudo, é impossível controlar completamente a divulgação dos significados do karate *uchinanchu* nos mercados globais. Na verdade, os mercados culturais estão sujeitos a um pré-requisito de “descoberta” da distinção, o que, em conjunto com a multiplicidade de fontes de informação, partilham e propagam mensagens “armazenadas” do karate de Okinawa.

Durante as últimas décadas, o karate *uchinanchu* tornou-se um dispositivo para redescobrir um Japão multiétnico e transcultural através dessa circulação global de imagens, povos e mercadorias japonesas, um fenômeno consideravelmente fomentado pelo turismo, que contribuiu para contrariar concepções anteriores do Japão como uma realidade monocultural e monoétnica. Neste sentido, interrogar a história cultural do karate é interrogar a presumida homogeneidade social e cultural dos japoneses, a ideologia do *nihonjinron* (teorias sobre a *japonesidade*)<sup>1</sup> que dominou o período pós-guerra (González de la Fuente, 2021).

Em consonância com González de la Fuente (2021), precisamente desde a década de 1960, os discursos *nihonjinron* capitalizaram a expansão cultural do karate que cobria o mundo para realçar a excepcionalidade da identidade japonesa e da política corporal. Por um lado, os processos de subjetivação implicados em “ser japonês” (Lourenção, 2016), poderiam ser melhor compreendidos a partir da propagação contínua em que se encontra o karate *uchinanchu* atualmente.. Por outro lado, hoje o karate constitui um item utilizado pelas políticas japonesas sobre diversidade e multiculturalismo, que são oficialmente designadas como *tabunkakyosei* ou “coexistência multicultural”, além de usá-lo para a construção da nação e a marca nacional do Japão.

É um território lamacento que toca no preconceito de populações inferiorizadas historicamente, cuja dívida histórica está colocada não somente para os *uchinanchu*, mas também para os *burakumin*, *ainus* e outros povos da ilha mais ao norte do Japão – Hokkaido. Não podemos esquecer das lutas do povo do *Ryūkyū* em casos como os dos experimentos com ossadas de habitantes do arquipélago durante a Segunda Guerra Mundial (Matsushima, 2023) e o reconhecimento de que o Japão deixou Okinawa para queimar na pior batalha terrestre desse mesmo conflito,

---

<sup>1</sup>Segundo Noguchi (2021, p. 1), “*nihonjinron*, ou “teoria da japonicidade”, é uma vertente teórica que visa destacar características supostamente atemporais dos japoneses — como a homogeneidade, a exclusividade, a conformidade, o espírito grupal e a estabilidade harmoniosa — em comparação com os “outros povos” por meio do destaque de essências, espíritos e estilos japoneses, negando semelhanças culturais e estabelecendo uma hierarquia frente a minorias étnicas locais, como os okinawanos e os ainus, e estrangeiros”.

usando a ilha como escudo de seu território continental contra os estadunidenses (McCormarck; Norimatsu, 2012).

Além das questões relativas aos crimes de guerra contra a população *uchinanchu*, há a invisibilização da história do karate a partir de discursos reducionistas. Por um lado, temos aqueles que remetem a origem da arte marcial *uchinanchu* meramente a uma reinvenção da arte marcial chinesa nos *Ryūkyū*, ignorando de forma muito infeliz toda a tradição guerreira e naval reiterada pelos estudos de diversos autores. Além disso, a invisibilização não cessa no povo vencido e colonizado.

Uma importante fração da história das artes marciais, em especial aqui o karate, é sumariamente oculta na maioria dos manuais que contém alguma explicação histórica sobre a arte e exibe no lugar uma passagem sobre o mítico monge indiano *Bodhidharma*<sup>24</sup>– *Daruma* em japonês (Amaral Luz, 2022; Apolloni; Aguiar, 2021). A este último atribui-se a criação das artes marciais no Templo Shaolin, o que já se sabe foi uma invenção dos próprios membros do templo para atrair atenção, prestígio e depois o turismo para si (Zica, 2012). O resultado disso é que uma horda de instrutores de karate seguem insistindo em disseminar em seus locais de ensino a história de Daruma, inviabilizando a participação crucial de uma mulher no processo. Alertamos isso pois sabemos hoje que entre os estilos estudados pelos *uchinanchu* na China, na fase de vassalagem com este país, destacou-se o estilo da Garça Branca de Fujian, fundado pela mestra Fang Qiniang (McCarthy, 1995).

Na verdade, muitos aspectos da educação e filosofia das artes marciais asiáticas representam apenas normas e costumes culturais comuns do Leste Asiático, como curvar-se ou mostrar respeito pelos mais velhos, que são aparentes em muitas esferas da vida nas sociedades do Leste Asiático. Estas tradições não estão reservadas às artes marciais asiáticas e não são místicas, românticas ou esotéricas em nenhum sentido. Além disso, muitas das características supostamente

---

<sup>24</sup>De acordo com a lenda, as artes marciais chinesas foram inventadas por Bodhidharma, um monge budista que viajou da Índia para a China no século V. [...] Chegando na China, ele se dirige ao Templo Shaolin. Insatisfeito com o regime que encontra lá, ele se retira para uma caverna próxima, onde passa vários anos em meditação. [...] Bodhidharma achou os monges inadequados para a exigente meditação que queria ensiná-los, então instituiu o treinamento de artes marciais para colocá-los em forma” (Allen, 2013, p. 242).

“tradicionais” e “antigas” das artes marciais do Leste Asiático só foram associadas a elas no final do século XIX e início do século XX, quando indivíduos como Kano e Funakoshi, ambos educadores escolares guiados por ideias ocidentais, começou a modernizar as artes marciais japonesas. Na verdade, os japoneses foram os líderes neste aspecto, outras nações só o seguiram mais tarde. Além disso, muitos indivíduos envolvidos neste processo foram frequentemente motivados pelo nacionalismo, que se baseava na doutrina ocidental do Estado-nação moderno. Além disso, em relação às artes marciais, o termo “tradicional” parece totalmente reservado como uma referência às artes marciais asiáticas. No entanto, pelo contrário, a maioria das artes marciais asiáticas modernas desenvolveram-se apenas recentemente e não são “tradicionais” pela maioria das definições (MOENIG; KIM; CHOI, 2023, p. 54, tradução nossa).

Muito há que se fazer no campo da pesquisa para investigar uma história do karate que tenha assento em métodos mais criteriosos para nos aproximarmos de melhores versões desta. O preconceito étnico e de gênero ainda pauta esse campo e as negociações identitárias dos séculos XIX e XX que criaram a invisibilização das mulheres e dos *uchinanchu* é ignorada. Algo próximo também ocorre com as práticas do karate desenvolvido no *Ryūkyū*.

## Karate “Indígena”: Okinawa

Influência para muitos praticantes, o filme *Karate Kid* é uma obra emblemática e permeada por convidativas referências históricas. Uma importante menção acontece já numa das primeiras cenas do segundo filme: Daniel-san é visto lendo “*Okinawa - The History of na Island People*” de George Henry Kerr (1911-1992), publicado em 1958, durante o voo para a referida ilha, com seu mestre, Sr. Miyagi. Apesar de polêmicas a respeito de seu conteúdo discutível, este livro é considerado um dos clássicos nos estudos sobre Okinawa.

Okinawa é o atual nome da principal ilha do arquipélago conhecido como *Ryūkyū*, que até 1879 era um reino independente, mas que foi colonizado pelo Japão, o que implicou em diversas transformações, inclusive sendo obrigada a adotar o idioma japonês. Durante a Segunda

Guerra Mundial, foi palco da única, e brutal, batalha terrestre em solo nipônico. A partir de então, o local vive sob a presença de bases militares estadunidenses, o que acompanha um dilema: aceitar ou não a continuidade dessas instalações, que já causaram diversos problemas para a população civil<sup>3</sup>.

A desmilitarização poderia acontecer caso fosse reconhecida a presença de população indígena em Okinawa (artigo 30 - Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas). A Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece os povos de *Ryūkyū* como indígenas desde 2008. Porém, muitas vezes Okinawa é tratada como mero objeto: um depósito de bases militares com a desculpa de que supostamente estaria localizada num local estratégico para defesa; um paraíso turístico, onde as pessoas são receptivas e corteses; ou mesmo como um simples tema de diversas pesquisas acadêmicas. Ou seja, a efetiva realidade viva de sua cultura e espiritualidade são diversas vezes totalmente desprezados (Quast, 2023).

Desde que o Grande Império Japonês começou a expandir seus territórios coloniais no Leste Asiático e no Pacífico no final do século XIX, a modernização econômica e política, concomitantemente com a japonização deliberada, passou a engolir suas colônias. O povo de Okinawa foi privado de seu autogoverno, teve sua cultura negada e foi forçado a se assimilar às práticas japonesas (Chibana, 2012, p. 6).

Essa situação criou localmente uma divisão que marca todo o período do final do século XIX até os desfechos da Segunda Guerra Mundial. Observamos na Okinawa desse tempo a presença de movimentos pró Japão (semelhantes aos que ocorreram em Taiwan) e como produto dessas tensões o estabelecimento dos Partidos da Iluminação e da Restauração (Kadekaru, 2021). O primeiro buscava defender a assimilação de Okinawa ao Império Japonês. Nutriam um sentimento de que as ilhas passariam por um necessário processo de modernização e integração à nova realidade geopolítica. Aparentemente viam vantagens nesse novo modelo, assim como os taiwaneses do mesmo período se viam melhor atendidos pelo Japão do que pelo regime anterior submetido à Pequim (ou *Beijing*). Por outro lado, os partidários da “Restauração” defendiam que Okinawa seguisse sua

---

<sup>3</sup>Antes da colonização pelo Japão, Okinawa era conhecida como *Uchinaa*.

relação de vassalagem ou pelo menos maior dependência socioeconômica com a China, como vinha acontecendo em períodos anteriores. Funakoshi (1999) menciona que ainda no século XIX um de seus mestres, Yasatsune Asato, via com desaprovação o discurso do Partido da Restauração e que Okinawa deveria aderir o quanto antes ao estado de membro do Império Japonês.

Essas disputas deixaram marcas em praticamente todas as instâncias da vida pelo local. Uma passagem, mesmo que breve por Okinawa, implica em ouvir ao menos uma vez uma determinada canção popular, conhecida como *Asadoya Yunta*. Porém, não é preciso ir tão longe para poder apreciar seus versos, notas e melodia. Em praticamente todas as reuniões, festivais, ou quaisquer outros encontros promovidos pelos descendentes, ela é entoada e até cantada em coro. Entretanto, conta com duas letras que, apesar de parecidas para ouvidos inexperientes, possuem significados totalmente distintos.

Segundo Shimabuku (2020), *Asadoya Yunta* é sobre uma mulher, Asadoya Nu Kuyama, por quem um oficial do exército estadunidense havia se apaixonado (ou se atraído) e pedido sua mão em casamento. Na versão original, ela recusa a proposta, assumindo as consequências de desobedecer sua família, para quem o militar havia prometido melhores condições de vida (caso aceitasse o matrimônio). Todavia, em 1934 uma gravadora japonesa lança a canção com versos modificados, nos quais Asadoya Nu Kuyama consente e se casa.

Na versão original, *Asadoya nu Kuyama* personifica o sentimento de insubordinação dos povos de Ryukyu para com o governo japonês. Dispostas até mesmo a romper com a tradição confucionista, as populações minorizadas rejeitam a imposição de um novo modelo de vida. Porém, quando a música é reinterpretada em japonês, a negociação cultural é feita em termos desproporcionais, sem que Okinawa tenha autonomia. Assim, a “tradução” assume uma função tática de esvaziamento de sentido, apagamento cultural, silenciamento e mercantilização, contribuindo para o “multiculturalismo cosmético” japonês (Shimabuku, 2020, p. 96).

*Asadoya Yunta* é um emblemático e efetivo exemplo dos efeitos da colonização da cultura e subjetividade indígena de Okinawa pelo Japão.

Inclui mesmo a noção de *Uchinaa/Ryūkyū* como um país efetivamente duplamente ocupado (pelo Japão e pelos Estados Unidos). Uma canção com uma letra subversiva, de resistência, que foi apropriada pelo próprio colonizador, e reformulada, fazendo com que seu conteúdo se tornasse praticamente “inofensivo”, docilizado, assumindo um cunho propagandístico, de uma Okinawa como exótico refúgio turístico.

A visão docilizada do povo *uchinanchu*, que não condiz com um povo de tradição guerreira de dez mil anos, é uma das principais críticas ao trabalho de Kerr (2000). Os registros históricos apresentados por este mesmo pesquisador e por Røkkum (2006) evidenciam que os primeiros vasos ornados produzidos pela humanidade foram fabricados no atual Japão pela cultura *Joumon*, e comercializados em todo o leste asiático pelo povo do *Ryūkyū*. Ora, um povo de tradição marítima e comercial teria tido milhares de anos de sucesso nessa atividade sem desenvolver qualquer tática de combate e proteção dessas cargas valiosas? Essa visão de um povo inofensivo e consciencioso nos parece cada vez mais absurda.

Ademais, o conhecido período em que *Ryūkyū* passa a ser um reino vassalo da China confirma o longo período em que os *uchinanchu* de nada tinham daquelas características pintadas por Kerr (2000). Menzies (2006), recorrendo aos estudos de vários sinólogos, historiadores e geógrafos nos ensina que os marinheiros do *Ryūkyū* (ou *Loo-choo*, como mencionados em antigos textos chineses) eram conhecidos como os mais terríveis piratas da Ásia, marinheiros altamente agressivos e especialistas em táticas batedoras usando embarcações leves. Passaram assim, na parceria com a naval comandada por Zheng He, a serem enviados antes dos juncos do Império Ming durante as campanhas de grandes navegações do século XV (Menzies, 2006). É exatamente neste período muito recente que inicia a incorporação de técnicas chinesas de luta pelos *uchinanchu*, mesclando-as com táticas e técnicas por estes praticadas com sucesso por quase dez mil anos.

Como forma de apaziguar as relações entre clãs guerreiros do sul do Japão, concentrados na ilha Kyushu, o generalíssimo (*shogun*) permite ao clã Satsuma a invasão de Ryūkyū em 1609 (Kerr, 2000; Nakazato *et. al.*, 2005). Após o conflito, como bons comerciantes e negociadores, os *uchinanchu* saem militarmente derrotados mas fazem uma grande jogada

diplomática: conseguem um acordo com os Satsuma para pagar tributos ao Edo sem deixar de manter uma relação similar com Pequim. Preservam assim por mais alguns séculos (até a Restauração Meiji de 1868) o modo de vida e as práticas culturais *uchinanchu*. A partir da Restauração Meiji é que o rei de *Ryūkyū* precisa dobrar joelhos ao imperador japonês e a divisão entre partidários da Restauração e Iluminação se acirra. Há mesmo movimentos de revisionismo com a produção de falsos registros históricos tentando reinventar *Ryūkyū* em uma das formas de cultura arcaica do Japão (Cramer, 2018), e que poderia assim passar de forma legítima pela modernização que o restante do Japão passava.

O processo de domesticação aconteceu, portanto, não somente no caso de deliberada distorção do significado original do famoso canto popular *Asadoya Yunta*, mas em praticamente todas as instâncias da vida local, logo quando o Japão toma posse de todo arquipélago *Ryūkyū*. *Uchina*, a ilha principal passa a ser denominada “Okinawa”; o idioma oficial imposto é o japonês, em detrimento da diversidade linguística que havia e que passam a ser consideradas dialetos; costumes são reformulados, já que eram tidos como não suficientemente civilizados). Há toda uma tecnologia política dos corpos, que deveriam passar por uma higienização para se adequar ao Estado-Nação que o próprio Japão vinha se tornando, especialmente após a Restauração Meiji.

Como estratégia dessa modernização, o esporte era a prática corporal que mais se adequava às exigências de um novo modelo de corpo que se almejava para a população: civilizado, competitivo, obediente às normas estabelecidas. Assim, o Japão não somente importou práticas esportivas, como o *baseball*, por exemplo, mas também investiu na reconfiguração das suas próprias (Rusak, 2009). Foi então promovida uma grande negociação identitária, alterando o modo de praticar judô, kendo e as demais formas de arte marcial japonesa, chamadas de Budo[2], seguindo o discurso de função educativa e acesso das práticas para todos a partir da modernidade japonesa (Ratti; Westbrook, 2006). Essas alterações alcançaram a partir dos anos 1920 o próprio karate, objeto de estudos desta pesquisa.

É importante salientar que o karate não foi necessariamente unificado, como costuma-se pensar sobre judô e kendo, longe disso. Existem atualmente manifestações esportivas do karate, com vultosos

torneios pelo mundo, inclusive realizando sua estreia como modalidade olímpica nos Jogos de Tokyo 2020/21. Trata-se de um karate que inicialmente, durante o século XX, fora forjado sob uma lógica de oferta e demanda (Oliveira; Feijó, 2023), cujos modelos de treinamento, quase equiparados a um modelo fordista de produção em larga escala, com exercícios rítmicos e repetitivos em linha reta e a abordagem prática, mais se assemelhavam aos treinamentos militares (Bowman, 2010). Neste contexto, com os processos de institucionalização e esportivização, esses modelos foram sendo trocados por outros mais modernos com vistas a atender aos anseios do movimento olímpico contemporâneo (Oliveira *et al.* 2018).

Mas há ainda maneiras de praticá-lo que parecem resistir, ou mesmo escapar aos apelos de padronização e espetacularização. Para este texto, decidimos denominar *karate uchinanchu* essas manifestações que conservam uma relação de pertencimento com uma matriz okinawana e se diferenciam das formas esportivizadas e espetacularizadas da prática.

Optamos por essa nomenclatura para evitarmos termos como “karate de Okinawa”, já que nossa intenção é marcar diferenças entre as dimensões modernas, associadas diretamente a transformações que promoveram, tal como em *Asadoya Yunta*, uma docilização, uma espécie de conformismo com a ordem social imposta, e as possibilidades de prática que fogem a essas padronizações. Além disso, evitar usar o termo “Okinawa” nesse contexto, também afirma uma posição na qual evitamos a denominação do colonizador para *Uchinaa*, e seus habitantes, os *uchinanchu*.

## O Karate pode ser um etnoesporte?

O esporte moderno surgiu na Inglaterra nos séculos XVIII e XIX, inspirado em jogos populares da aristocracia. Escolas públicas de elite, nas quais os filhos da aristocracia estudavam, adaptaram esses jogos populares e os sistematizaram, regulamentaram e racionalizaram de acordo com seus valores morais. A ideia de um “mundo esportivo” surgiu nesse período, levando ao surgimento de modalidades como cricket, tiro ao alvo, pesca, corridas, caça, caminhada e boxe (Marques, 2015).

Segundo Roden (1980), no século XIX, várias modalidades esportivas surgiram em todo o mundo, em meio a disputas territoriais, surgimento e consolidação dos Estados-Nação e do capitalismo como modelo econômico. Naquela época, a ausência do esporte em qualquer país estrangeiro poderia ser interpretada como um sinal de fraqueza cultural e até de inferioridade racial, já que os confrontos institucionalizados, regulamentados pelo que viriam a ser as federações, passaram a representar o modelo de civilidade.

Neste contexto, talvez um observador do período Meiji (1868-1912) poderia ter previsto que a adoção dos esportes ocidentais pelo Japão significava o desaparecimento – mais cedo ou mais tarde – dos esportes tradicionais do país. De todo modo, algumas tradições esportivas, como o *inuoumono*, desapareceram. Alguns, como *kemari*, mal conseguiram sobreviver graças aos esforços heroicos de pequenos grupos de devotos. Algumas, como as artes marciais tradicionais, passaram por uma transformação, tendo em vista que foram racionalizadas e burocratizadas, recebendo – mais ou menos – contornos de esporte moderno (Guttman; Thompson, 2001). Além disso, o universo das artes marciais é complexo: ele congrega uma variedade de participantes, diversas conexões com a cultura, múltiplos objetivos, várias expectativas e assim por diante (Luz, 2023).

Para além de Tóquio e região, mais ao sul, na ilha atualmente chamada de Okinawa, uma arte marcial tradicional chama-nos atenção, tendo em vista seu interessante passado e intrigante presente: o karate. A história do karate é resultado da interação de diferentes culturas. A ilha de Okinawa, historicamente, era um local de intenso comércio e passagem para diversas embarcações, o que a tornou uma região peculiar e multicultural. Mesmo hoje, o fenótipo *uchinanchu* se assemelha mais ao fenótipo taiwanês do que ao do japonês médio. Os registros da origem dessa arte marcial têm uma sequência cronológica de acontecimentos cujas técnicas de luta primordiais seriam consideradas milenares (Oliveira; Telles; Barreira, 2019). Neste contexto, em 2017, em visita a Okinawa, dois dos autores de Barreira *et al.* (2023), tiveram as seguintes impressões:

Em recente visita a Okinawa, foi possível testemunhar a ambiguidade local para com a figura de Gichin Funakoshi, a cujo papel se atribuía a razão de estarmos lá, dada

responsabilidade histórica do mestre pela disseminação e reconhecimento do karate. [...] Ao mesmo tempo, também foi notável em Okinawa a existência de uma mágoa local por certa expropriação cultural sofrida pela Arte Marcial a partir de sua japonização (Barreira et al., 2023, p. 110).

Neste universo, Gonzáles de la Fuente e Niehaus (2020) apresentam uma visão baseada na ótica *niponizada* (ou japonizada) de processo civilizador, em que o ideal do karate “tradicional” como um sistema de autodefesa centrado no *kata* – isto é, as formas – deu lugar à luta esportiva moderna (*kumite*). A tensão dentro do karate em termos de ser um bem cultural duplo japonês/okinawano persiste no centro de um debate em que raízes históricas, ramificações e implicações são novamente mobilizadas pelo pedido à UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) de reconhecimento formal como “Patrimônio Cultural Imaterial” (Pucineli; Martins, 2023).

As diferenças entre as visões japonesa e *uchinanchu* são claras no processo de esportivização. Enquanto os japoneses veem o *kumite* como “o objetivo último do karate” (Kagawa, 2015), e incluem em seu modelo competitivo os eventos de *kata* (formas), *katapor* equipes (formas sincronizadas em trios), *kumite* (combate) e *kumite* por equipes (em que se somam as pontuações e vitórias das lutas individuais dos membros do time) o caminho seguido em Okinawa foi outro.

No segundo caso, o processo de esportivização, se defrontou com a ideia de que ao ser usado para a luta livre, o karate seria demasiado letal (MaCarthy, 1995). Sendo assim, aqueles grupos que desenvolveram uma forma de competição de karate dentro da visão *uchinanchu* promovem disputas esportivas que incluem os eventos de *kata* (formas) e kobudo (forma combativa que se utiliza de objetos do cotidiano como armas: como bastão, foice, sai, nunchaku, tonfa etc.).

Nesta conjuntura, o Japão precisa reconhecer e apoiar a tradição do karate *uchinanchu* para endossar a estratégia oficial de rotular a nação japonesa como “cool” internacionalmente. Assim, por esta visão complexa, dentro do karate encontramos uma origem (*Ryūkyū*), duas “tradições” – karate *uchinanchue* karate japonês[3] (ou karateBudo) – e uma herança nacional (karate como um todo) (González de la Fuente; Niehaus, 2020).

Porém, quando se olha com mais cuidado para o karate em Okinawa, observa-se uma labiríntica multiplicidade de outras possibilidades. Entre estas, a presença de equipes de alto rendimento em Okinawa, sendo o atual campeão olímpico de *kata* o atleta KyunaRyo, um *uchinanchu*.

Dito isto, esse ensaio se propõe a analisar o *karate uchinanchu* na contemporaneidade, na medida em que busca lançar luz sobre os seus sentidos, significados e processos históricos na esteira de um mundo cada vez mais globalizado e que possibilita entendimentos discutíveis, estereotipados ou até mesmo equivocados sobre o que de fato deveria ser apresentado e questionado. Para tanto, o trabalho está dividido da seguinte forma: na primeira seção há uma discussão sobre as representações do karate *uchinanchu*; na segunda seção há discussões sobre a prática do karate *uchinanchu*; por fim, na terceira seção há reflexões acerca de outros elementos que orbitam o karate e que fazem parte de uma conjuntura política e social, para além da prática.

## Resultados e discussões

Entendendo que as práticas são a manifestação objetiva do todo composto também pelas representações e imaginário, destacamos aqui, brevemente, alguns elementos que merecem nossa atenção. Quando pensamos nesse tópico precisamos detalhar um pouco mais o que é o karate *uchinanchu*. Nesse sentido, não apenas destacar as diferenças ‘do que’ se faz é vital, mas também ‘como’ se faz. Então, para além do que percebemos de distinção, devemos estar atentos também para o intrincado e singular (mas nem por isso único) método de uso do corpo próprio da forma de combate desenvolvido pelo povo *uchinanchu*.

Enquanto o Karate *Budo* desenvolvido no Japão e o Karate esporte, espalhado por todo o mundo, seguem uma metodologia de ensino baseada nos chamados 3Ks (*kihon, katae kumite*), ou seja, em fundamentos, formas e combate (ou luta), não podemos restringir as diversas manifestações de karate *uchinanchu* a esse modelo pedagógico. Teremos outras práticas fortemente presentes no karate desenvolvido no *Ryūkyū*. Em grande parte das escolas de Okinawa encontramos *Kihone Kata*, mas também

percebemos ali a presença de outros treinamentos como o *tanren* (práticas de enrijecimento corporal) e na maioria dos casos a ausência do combate livre (*jiyūkumite*) e em sua substituição há as práticas colaborativas ou semi-colaborativas em duplas, onde se treina o significado das técnicas (*bunkai*) e também os combates em curta distância de mãos aderidas (*kakie*). Estes últimos, lembrando bastante o *tuishou* chinês. Ainda assim, o karate *uchinanchu* é tão múltiplo que nem sempre teremos todas essas práticas em todas as escolas.

As práticas com armas (*kobudō*) também estão presentes na maioria dos *dōjō*de Okinawa, enquanto que raramente são treinadas dentro do karate japonês e não estão contempladas na versão de esporte de combate contemporâneo, apesar de existirem campeonatos de *kata* com esses implementos, inclusive em Okinawa.

Segundo Pucineli, Frosi e Oliveira (2024), as maiores diferenças entre as formas de karate está em como o corpo é treinado e condicionado a expressar-se. As maiores diferenças entre as formas de karate está em como o corpo é treinado e condicionado a expressar-se. O atleta que pratica o karate esportivo, via de regra, vai buscar usar-se do treinamento atlético moderno e buscar nos regulamentos das entidades esportivas elementos que o levem a focar em determinadas estratégias para chegar na performance e resultados competitivos. Não há distinção para com a maioria das outras modalidades esportivas. Já karateBudo e karate *uchinanchu* têm seus fundamentos internos que são marcados por fortes características culturais, que não vemos nos esportes de combate.

Como karate *Budo* é regido por onze princípios que fazem sentido em uma concepção neoconfucionista de arte marcial e sociedade; o karate *uchinanchu* segue outro caminho. Seus fundamentos internos refletem muito da visão de mundo desse povo e são um verdadeiro tesouro imaterial que se expressa nos gestos e estratégias do *karateka*.

Princípio	Descrição	Observação
<i>Gamaku</i> (assoalho pélvico)	São os ossos sacro, ilíaco e as articulações e músculos do assoalho pélvico que os cercam.	Uso do corpo a partir da região abdominal (baixo ventre)
<i>Fe-As</i> (velocidade impossível)	Não é apenas a velocidade física, mas uma velocidade baseada na ilusão visual.	Transições de movimentação e forma de postura, uso de velocidade
<i>Chinkuchi</i> (músculos e ossos)	Estruturas corporais. Em outro sentido é a força liberada em um único momento por todo corpo.	Princípios de liberação de força e expressão corporal, a partir do uso combinado dos ossos, músculos e tendões.
<i>Muchimi</i> (corpo chicote)	É a ação de chicote, um ataque desferido com relaxamento dos membros.	Princípios de liberação de força e expressão corporal. Pode ter também uma conotação de movimento “pegajoso”, como um <i>mochi</i> , doce feito de arroz.
<i>Atifa</i> (ataque destrutivo)	Um poder da onda de choque que corre por dentro do corpo do oponente.	Princípios de liberação de força e expressão corporal. Transferência de energia.
<i>Michichi</i> (olhar afiado)	É olhar penetrante nos olhos e movimento corporal do oponente.	Foco Visual
<i>Kukuru</i> (percepção)	É a mente ou espírito. É a inspiração para perceber o interior do oponente	Estado mental de presença
<i>Churasa</i> (beleza)	Movimento corporal correto e natural é belo.	Beleza marcial advinda de movimentação ritmada, espontânea e polida

**Quadro 1 - Princípios do Karate *uchinanchu***

Fonte: Adaptado de Nakamura (2022) e May (2014).

Um aspecto importante é que existem alguns ecos no pensamento daoísta, sendo que, de fato, não há como fechar a análise nesta cosmovisão se considerarmos a extensa lista de religiões e visões de mundo, de dialetos e línguas, costumes e mesmos de diferentes escolas de karate presentes em Okinawa. A transmissão de seus princípios, porém, é uma importante forma

de resistência da cultura *uchinanchu*, que segue ensinando em *uchinaguchi*<sup>4</sup> (termo genérico para o idioma local) os fundamentos de sua arte de luta.

Uma outra reflexão importante a se fazer é observar a relação entre mestre e aluno através do conceito de “ma”, discutido por Pucineli e Martins (2023), na medida em que se conecta à ideia do vazio, mas não como uma ausência, e sim como um espaço cheio de potencial. O “ma” representa os intervalos entre ações e momentos, as pausas que não apenas separam, mas também criam oportunidades. Como descreve Okano (2012, p. 24), trata-se de um vazio “preenche de possibilidades”, um espaço onde algo novo pode surgir no tempo e no espaço.

No contexto do dojo, o “ma” pode ser percebido de diversas formas: nos instantes entre um movimento e outro, no silêncio que antecede a execução de um kata, nos momentos de convivência entre os praticantes antes ou depois do treino, ou até mesmo na reflexão após uma conversa com o mestre ou com os colegas – são nesses intervalos que o aprendizado se sedimenta, as relações se fortalecem e a experiência do karate se enriquece, tornando-se algo mais profundo do que a simples repetição de técnicas.

## Reflexões para além da prática Uchinanchu

*Ryūkyū*, arquipélago localizado ao sul do Japão e a leste da China, era composto por diversos pequenos reinos, no século XIV (Frosi Mazo, 2011). Desde o século XIV, *Ryūkyū* era um Estado vassalo do Império Chinês, com uma dinastia governando o arquipélago patrocinado pelos chineses. A localização privilegiada do arquipélago, como mencionamos, o tornava uma rota comercial/marítima favorável e atrativa para embarcações chinesas que desejavam comercializar com o Japão e vice-versa.

Desde 1404, os *Ryūkyū* recebiam visitas diplomáticas chinesas, os *Sapposhi*. Esses representantes do império chinês comumente eram

---

<sup>4</sup>Segundo o Atlas Mundial de Línguas em Perigo, da Unesco (2010), citado por Shimabuku (2020), em *Ryūkyū* havia seis línguas, totalmente diferentes da japonesa, além de 750 dialetos.

militares que vinham supervisionar as relações entre o arquipélago okinawano e a China. Neste contexto, o monarca de *Uchina*, ShōHashi (1372-1439), acabou por unificar os vários pequenos reinos dos *Ryūkyū*, estabelecendo, entre outras coisas, a periodicidade da vinda desses *Sapposhi* (Frosi; Mazo, 2011).

Em 1439, um depósito comercial especial de *Ryukyuanos* com uma equipe permanente residente foi estabelecido em Ch’uang-chou, na província de Fukien, criando um porto de entrada ao qual o comércio de *Ryukyuanos* deveria ser confinado e através do qual era canalizado para Pequim (ou Beijing). Essas instalações incluíam armazéns, salas de recepção e uma área residencial para os okinawanos associada ao comércio e às missões diplomáticas. O depósito permaneceu em uso contínuo por 436 anos depois disso, ou até 1875, quando a última carga foi trazida de Naha. Aqui estudantes de Okinawa vieram para servir como escriturários e para estudar a língua da China e as suas instituições, e é nesta área que devemos procurar protótipos em artefatos e arquitetura, técnicas agrícolas e padrões sociais que distinguiram a antiga tradição Ryukyu dos japoneses. Os túmulos e pontes característicos de Okinawa, os alimentos e os têxteis, as recreações e o comportamento devem muito às lições aprendidas aqui em Ch’uang-chou, em Fukien (Kerr, 2000, p. 82).

Dito isto, a influência chinesa na história e cultura dos *uchinanchu* é evidente. Para além disso, tanto práticas corporais do território de Okinawa quanto do Japão Continental receberam influências da China. De acordo com os pesquisadores chineses Li Lu e Dong Pan (2018), no Período Tokugawa, especificamente durante a Era Kyoho (1716-1736), oficiais militares da dinastia Qing viajaram para Nagasaki, no Japão. Lá, eles não apenas ensinaram *kung-fu* (ou *wushu*), punho chinês, mas também trouxeram registros históricos de várias artes marciais chinesas, incluindo equitação e tiro com arco a cavalo. Além disso, ao longo dos séculos XVII e XVIII, muitos desses oficiais militares Qing levaram o *wushu* para o Reino de Ryukyu. A evidência mais antiga da introdução do *kungfu* chinês nas Ilhas Ryukyu é mencionada no livro *DaidoTegaki* (大島筆記), escrito pelo Ministro da Fazenda da época.

Para Santos (2021), no atual cenário geopolítico, há o retorno de uma forte perspectiva nacionalista, e o aumento da necessidade de questionar a

presença militar dos Estados Unidos em Okinawa. Mais uma vez, a afirmação da identidade por meio do karate *uchinanchu* pode ser também uma forma de chamar a atenção do mundo para as fissuras no discurso de unidade nacional. Para Okinawa, o fluxo geopolítico e econômico constitui ameaça e oportunidade: ser engolido novamente por um *status* explorado e manipulado, ou afirmar um papel distinto como ator histórico (McCormack; Norimatsu, 2012)

Said (1990) sustenta que o Ocidente tem uma extensa tradição de retratar o Oriente como exótico, subalterno e dócil – esta representação orientalista foi usada para legitimar o colonialismo e a exploração do Oriente pelo Ocidente. No contexto de Okinawa, o Orientalismo pode ser empregado para examinar como a ilha foi percebida e tratada pelo Japão ao longo dos anos, à luz da discussão sobre a noção do “outro”. Em outras palavras, o Ocidente construiu sua identidade ao se opor a um “outro” orientalizado. Okinawa, com sua cultura e história distintas, pode ser considerada esse “outro” em relação ao Japão, ou mesmo ao mundo ocidental.

Outro aspecto importante ao analisar Okinawa é a dinâmica de poder. O Orientalismo nos auxilia a compreender isso, pois é uma forma de discurso que reforça a relação de poder entre o Ocidente e o Oriente (Said, 1990). No caso de Okinawa, essa dinâmica de poder se manifestou, por exemplo, na anexação da ilha pelo Japão (1879) e na subsequente assimilação da cultura de Okinawa. Neste cenário, o Oriente não é um monólito passivo, mas sim um local de resistência ao Orientalismo. Os *uchinanchus* têm uma longa trajetória de resistência à assimilação japonesa, e sua cultura continua a prosperar apesar das pressões do governo japonês e da questão da base militar estadunidense.

Segundo McCormack e Norimatsu (2012), os *uchinanchu* tendem a olhar para trás e ver os quatrocentos anos de sua conturbada história pré-moderna e moderna em termos de sucessivos “eliminações”, por forças externas superiores privando-os de sua subjetividade, especialmente quando da utilização da força, a título de exemplo, podemos citar os fatos, tais como: sob Satsuma de 1609; o moderno Estado japonês de 1879 a 1945; o governo militar direto dos EUA (Estados Unidos da América) de 1945 a 1972; o domínio nominal japonês após 1972 – quando da conversão do

governo estadunidense para o japonês. Além disso, o fim da Guerra Fria, em 1991, trouxe a esperança da retirada da base militar, contudo não aconteceu. Outro fato polêmico foi que, em 1995, três militares americanos estupraram uma estudante. Nesta conjuntura, embora impotente para evitar ou resistir a eliminações passadas, a partir de 1996 o equilíbrio mudou em Okinawa. Isto é, gradualmente Okinawa passou a desempenhar um papel importante, embora raramente reconhecido, no sistema regional e global – tornou-se um estado de resistência.

Nada em suas circunstâncias históricas ou longo histórico de vitimização pode explicar o que hoje se tornou a característica mais distintiva de Okinawa: sua resistência profunda e sustentada. Quase na proporção da negação de suas aspirações e de sua autonomia, os *uchinanchu* desafiam não apenas o destino de sua própria ilha, mas também os pilares sobre os quais se assenta o “Estado cliente” japonês e a própria ordem regional e global imposta pelos EUA (McCormack; Norimatsu, 2012)

De acordo com Barreira, Telles e Oliveira (2023), a ascendência chinesa sobre Okinawa é um fato determinante, tanto politicamente quanto culturalmente. No entanto, isso não fez com que o arquipélago deixasse de lado suas línguas [5], ou suas particularidades culturais. Mesmo sob o domínio militar de Satsuma a partir de 1609, quando ocorreu uma invasão que resultou na morte de 531 habitantes de Okinawa e 57 samurais, a vassalagem com a China foi permitida. Isso indiretamente beneficiava as trocas comerciais de Satsuma, enquanto as relações internacionais do restante do Japão eram interdidas. Essa dupla subjugação sugere que Okinawa tenha sido tratada menos como território nacional e mais como uma colônia.

Por um lado, a China não tomou as medidas de proteção esperadas como suserania, e por outro lado, os japoneses trataram Okinawa meramente como um entreposto comercial, ambos colocando seus interesses acima de maiores riscos. A mudança definitiva, como destacado anteriormente, ocorreu no Japão Imperial da Era Meiji, quando sua política externa passou a emular as de outros impérios coloniais, como o britânico e o francês (Barreira; Telles; Oliveira, 2023).

Quando a Era Meiji formalizou a incorporação de Okinawa pelo Japão, a realeza foi destituída e com ela a hierarquia até então vigente. Esse foi o momento em que, pouco a pouco, junto à ruptura das camadas sociais, o ensino das artes marciais *uchinanchu* saiu das sombras e se tornou público e institucionalizado. A prática, que antes era um símbolo local de nobreza, passou a ser vista como um símbolo do vigor de Okinawa no contexto da participação em um Japão expansionista e, somente muito depois, como um símbolo cultural de Okinawa para o mundo (Barreira; Telles; Oliveira, 2023)

Para Røkkum (2006), os *Ryukyuanos* do Sul relativizam as identidades, ao que parece, de acordo com os domínios da localidade e os domínios da vida. As ideias são sustentadas por imagens de contos associados a localidades nomeadas dentro de uma única ilha. A extração é mais física do que ideológica, por isso raramente amadurece numa noção de extração comum. Para além do estatuto de outras potências no domínio asiático como as mais ativas dos comerciantes de tributos, a nacionalidade dos *Ryukyus* pode não ter concedido qualquer comunalidade através de símbolos detidos coletivamente.

A linhagem do rei ainda existe, mas não goza de nenhum *status* particular na sociedade. Com relação ao emblemático Castelo de Shuri, mesmo que a realidade de uma estrutura de madeira vermelha apresente um canal para memorizar o passado e celebrar as conquistas no presente, a sacralidade não emana de nenhum ambiente construído, mas num sentido muito mais reservado, a partir de seu local em um ambiente verdadeiro (Røkkum, 2006). A sua importância, quando bem compartilhada, multiplica-se, tendo em vista que não só *uchinanchus* o defenderam, enquanto patrimônio histórico, mas outros indivíduos de diferentes culturas e nacionalidades, no caso praticantes de karate.

De certa forma, os espaços sagrados em Okinawa se misturam com as representações de figuras. No tocante à figura do monarca *ryukyuno*, as alusões literárias existentes o colocam como residente, não de um castelo, mas de um bosque, de Shuri (*Shui*). As mulheres que habitualmente acendem seus incensos no ambiente verdejante da colina Shurivoltam sua atenção não para a residência construída de um rei, mas para o bosque sagrado de um rei (Røkkum, 2006).

Com relação a representação dos *uchinanchus* para além de Okinawa, conforme Barreira, Telles e Oliveira (2023), embora Okinawa fosse um entreposto geográfico, os *uchinanchu* eram vistos como irmãos bastardos dos japoneses. Para mitigar e, eventualmente, contornar essa situação, a história mostra que não bastou afirmar que estes eram japoneses. Foi necessário depreciar o chinês, recusando os valores de um patrimônio cultural que, embora tenha nutrido os fundamentos das matrizes sociais e religiosas que organizaram tanto o Japão quanto Okinawa e a Coreia, o mundo sino-aculturado só teria adquirido honra e dignidade ao adquirir o espírito japonês (*Yamato damashi*), alçando-se ao topo da hierarquia asiática.

Apesar do racismo que o acompanhou, o karate atravessou os séculos e se espalhou pelo mundo, fascinando gerações de praticantes e estimulando a afirmação de outras práticas corporais combativas. No entanto, ele também foi marcado por contradições e obscurantismos que falam menos sobre a prática em si e mais sobre como ela pode ser usada, como, por exemplo, para promover ideologias extremistas. Essa ameaça não é exclusiva do karate, mas está presente nas capturas e apropriações das Artes Marciais Modernas. Ela se fortalece sempre que a ambição de hierarquizar essas práticas como mais eficazes umas em relação às outras se une a outras formas de hierarquização, como as racialistas ou nacionalistas (Barreira; Telles; Oliveira, 2023)

O karate *uchinanchu* é um grande “produto” local que exerce uma dinâmica única ao atrair estrangeiros para o arquipélago. Não se trata apenas de considerar o alcance do karate *uchinanchu* no mundo, mas principalmente de percebê-lo como uma expressão cultural que mobiliza uma grande quantidade de pessoas do mundo todo a visitar o arquipélago ano após ano. O que muitas vezes é conhecido como karate Tradicional de Okinawa é uma expressão e afirmação do que é ser okinawano e seu magnetismo atrai atenções de fora do arquipélago (Santos, 2021).

Segundo Coakley (2021), a adoção do karate e de outras artes marciais asiáticas têm aumentado consideravelmente nos últimos tempos, bem como a necessidade de mais estudos. A internacionalização crescente do karate *uchinanchu* parece estar sendo conduzida com sucesso. Por um lado, as demandas okinawanas estão ganhando visibilidade internacional e

sua afirmação de identidade tem ganhado o plano global. Por outro lado, entusiastas do mundo todo têm tido o privilégio de conhecer melhor essa intrigante e complexa cultura (Santos, 2021).

Embora a internacionalização possa parecer nociva ou perigosa, uma vez que existe a preocupação de que as práticas esportivas possam tencionar mudanças internas, ou ainda, “que suas raízes asiáticas sejam perdidas ou ignoradas pelos participantes” (Coackley, 2021, p. 277, nossa tradução), a prática do karateuchinanchu tem sido bem-sucedida em preservar características da arte marcial perante a pressão pela *olimpização* dentro do sistema WKF (*World Karate Federation*) e outros (Santos, 2021).

## Considerações finais

O karate que se conhece e é praticado atualmente no Brasil, por exemplo, é resultado de rupturas e descontinuidades ao longo da história. Trajetórias que levaram a prática a assumir traços condizentes com as subjetividades modernizadas e seus interesses não substituíram as possibilidades de um karate que continua se afirmando em sua pluralidade. Práticas que ainda existem, resistem e “re-existem” em Okinawa, de uma arte que não aceitou o pedido de casamento com a modernização, e mantém seus traços “indígenas”.

À medida que o karate *uchinanchu* se torna mais popular, seja por meio de praticantes que viajam pessoalmente para conhecer a região ou por curiosos interessados na história da origem do karate, as feridas de Okinawa vão sendo expostas. Conhecer Okinawa é ao mesmo tempo se impressionar com seu passado, especialmente associado a injustiças sociais maculadas em sua história.

O processo de desenvolvimento da arte marcial *uchinanchu* ocorreu ao longo de milhares de anos, baseado inicialmente em proteção de cargas e depois em trabalho militar e de segurança (guarda-costas) da realeza do *Ryūkyū*. Inicialmente chamada de *Ti* essa luta se reconfigura para *Tōde* (mão chinesa) e *Okinawa-Te*, havendo uma divisão entre as linhas de Matsumura e Higaonna dentro do *Ti* após influências dos militares chineses e das 36 famílias do continente instaladas em Okinawa. Essas mudanças e depois a

reconfiguração, mais atual, para *Karatedō* não foi um processo simples e pacífico. Antes disso, se apresenta como reflexo de intensas disputas de poder entre diferentes povos em busca da preservação de sua cultura (*uchinanchu*) ou da hegemonia dos dominadores (primeiro chineses e depois japoneses e estadunidenses), “jogando”, atualmente, o “jogo” das disputas com os dominadores ocidentais no contexto mais amplo.

A elevada exploração da imagem do karate *uchinanchu* e a disseminação de um discurso de sua pureza sobre estilos japoneses por grupos além dos okinawanos, para fins midiáticos e disputas de poder, é outro elemento que emerge nos dias atuais e merecerá mais estudos no futuro. Só assim poderemos nos aproximar do desafiador trabalho de mapear com maior clareza a multiplicidade de representações dessa prática.

Concluimos, portanto, que há elementos suficientes para o karate ser caracterizado como uma prática corporal combativa típica do povo *uchinanchu*. Mesmo nos dias atuais – após os inevitáveis processos de modernização, esportivização e espetacularização – muitas manifestações posicionadas dentro do universo da cultura *uchinanchu* resistem. Nesses grupos, encontramos ecos de um passado que revela a manutenção de práticas e representações dos povos indígenas do arquipélago *Ryūkyū* que merecem respeito e reconhecimento, para o fortalecimento e a preservação de suas tradições.

## Referências

ALLEN, Barry. Games of sport works of art and the striking beauty of asian martial arts. *Journal of the Philosophy of Sport*, [s. l.], v. 40, n. 2, p. 241–254, 2013.

AMARAL LUZ, Guilherme. História e artes marciais chinesas no Brasil: desafios de pesquisa e de escrita. *ArtCultura*, [s. l.], v. 24, n. 44, p. 243–261, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/66593>.

APOLLONI, Rodrigo Wolff; AGUIAR, José Otávio. hipótese de leitura da narrativa marcial sobre a “destruição do mosteiro de Shaolin” em 1736. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 157–174, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/56280>. Acesso em: 26 jul. 2022.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes; TELLES, Thabata Castelo Branco; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de. Okinawa e o Karate: entre racismo e afirmação cultural. In: FERREIRA JÚNIOR, Neilton de Sousa; RUBIO, Katia (org.). *Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo*. São Paulo: Tato, 2023. p. 107–132.

BOWMAN, Paul. The Globalization of Martial Arts. In: GREEN, T. A. .; SVINTH, J. R. *Martial Arts in the Modern World*. 2. ed. [s.l.] Praeger, 2010.

CHIBANA, Megumi. *(Re)-Discovering Okinawan Indigeneity: Articulation and activism*. University of Hawai. Master of Arts of Political Degree. Manoa, 2012.

COAKLEY, Jay. *Sports in Sports in society: issues and controversies*. New York: McGraw-Hill, 2021.

CRAMER, Mark. *The history of Karate and the masters who made it: development, lineages, and philosophies of traditional okinawan and japanese Karate-do*. Berkeley: Blue Snake Books, 2018.

FERREIRA, Heraldo Simões et al. Artes marciais e educação física escolar: o budô como conteúdo pedagógico. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, [s. l.], v. 27, n. 289, p. 26–41, 2022. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/3068>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FUNAKOSHI, G. *Karatê-Do Nyūmon: Texto Introdutório do Mestre*. São Paulo: Cultrix, 1999.

FROSI, Tiago Oviedo. *Uma história do karate-do no Rio Grande do Sul: de arte marcial a prática esportiva*. 2012. 224p. f. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [s. l.], 2012.

FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. Repensando a história do karate contada no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso)*, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 297-312, 2011.

FROSI, Tiago Oviedo; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de. O Bushido na prática: o caso da educação em valores no KarateShotokan. In: SANTOS, Sérgio Luiz Carlos dos (org.). *Bushido e artes marciais: contribuições para a educação contemporânea*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. p. 115-132. E-book. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/336409377\\_O\\_Bushido\\_na\\_pratica\\_o\\_caso\\_da\\_educacao\\_em\\_valores\\_no\\_Karate\\_Shotokan\\_The\\_Bushido\\_in\\_practice\\_the\\_case\\_of\\_values\\_education\\_in\\_Shotokan\\_Karate](https://www.researchgate.net/publication/336409377_O_Bushido_na_pratica_o_caso_da_educacao_em_valores_no_Karate_Shotokan_The_Bushido_in_practice_the_case_of_values_education_in_Shotokan_Karate)

GONZÁLEZ DE LA FUENTE, Eduardo. Recentring the Cartographies of Karate: Martial Arts Tourism in Okinawa. *Ido Movement for Culture: Journal of Martial Arts Anthropology*, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 51-66, 2021.

GONZÁLEZ DE LA FUENTE, Eduardo; NIEHAUS, Andreas. From Olympic Sport to UNESCO Intangible Cultural Heritage: Okinawa Karate Between Local, National, and International Identities in Contemporary Japan. In: SEONG-YONG, Park; SEOK-YEOL, Ryu (org.). *Traditional martial arts: as intangible cultural heritage*. [S. l.]: UNESCO - ICHCAP and ICM, 2020. p. 39-51. E-book. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/344905876\\_From\\_Olympic\\_Sport\\_to\\_UNESCO\\_Intangible\\_Cultural\\_Heritage\\_Okinawa\\_Karate\\_Between\\_Local\\_National\\_and\\_International\\_Identities\\_in\\_Contemporary\\_Japan](https://www.researchgate.net/publication/344905876_From_Olympic_Sport_to_UNESCO_Intangible_Cultural_Heritage_Okinawa_Karate_Between_Local_National_and_International_Identities_in_Contemporary_Japan).

GUTTMANN, Allen; THOMPSON, Lee. *Japanese sports: a history*. Hawaii: University of Hawai'i Press, 2001.

KAGAWA, M. *Diretrizes de ensino (指導要領)*. Japan Karate Shoto Federation. 11 ago 2015.

KERR, George H. *Okinawa - The History of an Island People*. North Clarendon, USA: TUTTLE, 2000.

KADEKARU, Toru. Karate after the 1897 Disposition of Ryukyu. In: KOYAMA, Masashi; WADA, Koji; KADEKARU, Toru. *Karate Its History and Practice*. Tokyo: Nippon Budokan, 2021. 492p.

LOURENÇÃO, Gil Vicente Nagai. *O Espírito Japonês: Esboço para uma arqueologia etnográfica do Ki - Shuhari - Os três momentos do aprendizado da maestria*. Tese de doutorado. São Carlos: UFSCar, 2016.

LU, Li; PAN, Dong. Comparative Research on the Modernization of Chinese and Japanese National Traditional Sports from a Culturology Perspective. *The International Journal of the History of Sport*, [s. l.], v. 35, n. 15-16, p. 1567-1587, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2019.1622526>.

LUZ, Alexandre Meyer. Os corpos em luta: aspectos epistemológicos da prática de artes marciais. *Revista Científica de Artes/FAP*, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 54-78, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/7439>.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. *Revista Observatoriodel Deporte - ODEP*, San Tiago, v. 1, p. 147-185, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/311087062\\_O\\_CONCEITO\\_DE\\_ESPORTE\\_COMO\\_FENOMENO\\_GLOBALIZADO\\_PLURALIDADE\\_E\\_CONTOVERSIAS](https://www.researchgate.net/publication/311087062_O_CONCEITO_DE_ESPORTE_COMO_FENOMENO_GLOBALIZADO_PLURALIDADE_E_CONTOVERSIAS).

MATSUSHIMA, Y. *De volta para casa: a luta pela devolução dos restos ancestrais ryukyuanos*. Debates Indígenas. Disponível em <https://www.debatesindigenas.org/POR/ns/216-luta-pela->

[devolucao-dos-restos-ancestrais.html](#). Publicado em 01 abr 2023.  
Acesso em 24 set 2023.

MAY, Samantha. *Uchinaguchi Language Reclamation in the Martial Arts Community in Okinawa and Abroad*. Tese. Ryukyu University. Nishihara, Okinawa: 2014.

MCCARTHY, P. *The bible of Karate - Bubushi*. Tokyo: Charles E. Tuttle Publishing, 1995.

MENZIES, G. *1421: o ano em que a China descobriu o mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2006.

MOENIG, Udo; KIM, Minho; CHOI, Hyun Min. Traditional martial arts versus martial sports: the philosophical and historical academic discourse. *Revista de Artes Marciales Asiaticas*, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 41–58, 2023.

NAKAMURA, A. *Innermost Secrets of Okinawa Karate*. Ryukyu Karate Research Lab profile. Okinawa: RKRL, 2022.

NAKAZATO, J.; et. al.. *Okinawa Karate and Martial Arts with Weaponry*. 2003. Disponível em: <[www.wonder-okinawa.jp/023/eng](http://www.wonder-okinawa.jp/023/eng)>. Acesso: 20 jun. 2005.

MCCORMACK, G.; NORIMATSU, S. O.. Ryukyu/Okinawa, From Disposal to Resistance. *The Asia-Pacific Journal*. Volume 10, Issue 38, Number 1, Article ID 3828, 09Sep2012, 13p.

NOGUCHI, D. Y. *Nihonjinron: teorias do Japão excepcional*. Disponível em: <<https://medium.com/daniele-noguchi/nihonjinron-teorias-do-japao-excepcional-f783f12e6d79>>. Acesso em: 8 maio. 2024.

OLIVEIRA, M. A. de; FEIJÓ, G. de O. Entre a emoção e o espetáculo: o karate esportivo brasileiro. *Revista da ALESDE*, v. 15, n. 1, p. 101–120, 2 out. 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/87056>>.

OLIVEIRA, M. A. de; FROSI, T. O.; SONODA-NUNES, R. J.; PIMENTA, T. F. da F.; REIS-JUNIOR, C. A. B. dos; AMSTEL, N. A. van. De “mãos vazias” a “mãos com luvas”: uma análise sociológica sobre o Karate e os Jogos Olímpicos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*, v. 2, n. 1, p. 324–342, 2018.

OLIVEIRA, M. A. de; TELLES, T. C. B.; BARREIRA, C. R. A. De Okinawa aos Jogos Olímpicos: o Karate. In: RUBIO, K. *Do pós ao NeoOlimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI*. 1. ed. São Paulo: Képos, 2019. p. 327–347.

OKANO, M. Ma: Entre-espço da arte e comunicação no Japão. São Paulo: Annablume, 2012.

PUCINELI, Fabio Augusto. *Modernização do Karate: GichinFunakoshi e as Tecnologias Políticas do Corpo*. 2017. 102 p. f. – Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, UNESP, [s. l.], 2017.

PUCINELI, Fabio Augusto; MARTINS, Carlos José. *A invenção do “Homo Sportivus” durante o processo de modernização do Japão e a reconfiguração das artes marciais japonesas*. Belo Horizonte: VIII Seminário do Centro de Memória da Educação Física (CEMEF), 2014. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1gMtIGrwkq3\\_0oLGo6VzqYDQDfbNB AuXm/view](https://drive.google.com/file/d/1gMtIGrwkq3_0oLGo6VzqYDQDfbNB AuXm/view).

PUCINELI, Fabio Augusto; MARTINS, Carlos José. Ao sol, faixa branca; sob a lua, faixa preta: estudo comparativo entre duas possibilidades do Karate em Okinawa. *Revista Mosaico*, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 208–217, 2023. Disponível em: <http://editora.universidadedevasouras.edu.br/index.php/RM/article/view/3813>.

PUCINELI, Fabio Augusto; FROSI, Tiago Oviedo; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de. Karate como elemento da cultura indígena de Okinawa: reflexões sobre dominação geopolítica. 2024: IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte

(ALESDE), 2024. Disponível em:  
<https://congresos.fahce.unlp.edu.ar/alesde/ix-congreso/actas/ponencia-241213134816879608>.

QUAST, Andreas. *Visiting gods: incidents related to shima society*. IncidentsrelatedtoShimasociety. 2023. Portal RyukyuBugei. Disponível em: <https://ryukyu-bugei.com/?p=10767>. Acesso em: 10 jul. 2023.

RATTI, O.; WESTBROOK, A. *Segredos dos Samurais: as artes marciais do Japão feudal*. São Paulo: Madras, 2006.

RODEN, Donald. Baseball and the Quest for National Dignity in Meiji Japan. *The American Historical Review*, [s. l.], v. 85, n. 3, p. 511-534, 1980.

RØKKUM, Arne. *Nature, Ritual, and Society in Japan's Ryukyu Islands*. Abingdon: Routledge, 2006.

RUSAK, D. Karate, Baseball and Politics: Hybridity and the Martial Arts in Modern Japan. *Undergraduate Journal of Anthropology*. v.1, p. 63-71, 2009.

SAID, Edward Wadie. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 251-273 p.

SANTOS, Gustavo Oliveira Brito dos. *O karatê entre o Japão e Okinawa: as disputas na construção e afirmação da identidade okinawana por meio do karatê*. 2021. 134 f. - Universidade Federal de Goiás, [s. l.], 2021. Disponível em:  
<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11134>.

SHIMABUKO, Gabriela. AsadoyaYunta: da resistência ao amor pelo colonizador. *Proa: Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 86-100, 2020. Disponível em:  
<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17608>.

ZICA, M. C. Religião, educação e marcialidade na formação histórica do kung fu: alguns apontamentos sobre um campo de pesquisas recente no Brasil. *Religare*(UFPB), n.9 (2), p. 167-176, Dezembro de 2012.

### **Fabio Augusto Pucineli**

Doutor e Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP/Rio Claro). Bacharel e Licenciado em Educação Física (UNICAMP). Faixa preta 6 dan em karate (Okinawa Shōrin-ryū Karate-do Association). Realizou pós-graduação em Artes Marciais Japonesas na Universidade de Shiga - Japão, bem como estágio em escola de Ensino Fundamental no município de Takaoka, Prefeitura de Toyama, Japão. Ensina karate há 25 anos. Seus principais temas de pesquisa são a modernização do karate e a prática de kata no karate em Okinawa.

E-mail: [fabio.pucineli@unesp.br](mailto:fabio.pucineli@unesp.br)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9157511073672761>

### **Tiago Oviedo Frosi**

Doutorando em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Mestre em Ciências do Movimento Humano e Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Instrutor e árbitro de Karate, faixa preta 4º Dan pela Japan Karate Shotofederation - JKS, ensina a arte marcial na UNICAMP e no Instituto Shinjigenkan do Brasil.

E-mail: [t204119@dac.unicamp.br](mailto:t204119@dac.unicamp.br)

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/7669992588868089>

### **Marcelo Alberto de Oliveira**

Doutorando em Educação pela FFCLRP-USP. Mestre em Ciências pela EEFÉ-USP. Licenciado em Educação Física pela UFPR. Pesquisador Bolsista CAPES/DS. Membro do GEPESPE-RP. Possui estudos majoritariamente socioculturais, em especial sobre o karate.

E-mail: [marcelo.alberto@usp.br](mailto:marcelo.alberto@usp.br)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2978158335651339>

---

Recebido para publicação em agosto de 2024.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2025.